

O “ESPÍRITO” DE GOLTDAMMER’S ARCHIV FÜR STRAFRECHT

Mark A. ZÖLLER

Durante vinte anos, desde 2002 até 2021, Jürgen Wolter conduziu os destinos de *Goldammer’s Archiv für Strafrecht*. Assim, com o fim do ano 2021 também chegou ao fim uma época. Para quem tinha uma ligação mais estreita com GA, uma coisa fica absolutamente clara: GA sob a égide de Jürgen Wolter foi sempre mais do que uma mera revista jurídica ou um qualquer produto editorial. Foi sempre expressão de um determinado estado de espírito e tradição científica.

Quis o acaso que me fosse possível acompanhar a “Era Wolter” do princípio até ao fim, desde o lugar de espectador em primeira ou segunda fila. No início de 1999, tendo concluído o meu primeiro exame final da licenciatura em Direito, comecei o meu doutoramento e também a minha atividade como assistente na Cátedra de Jürgen Wolter em Mannheim. Aí pude testemunhar de perto os preparativos da passagem de testemunho na redação e edição do GA, por sinal muito harmoniosa, colegial e amigável, de Paul-Günter Pötz para Jürgen Wolter. Afinal de contas, Paul-Günter Pötz conduziu os destinos da revista durante nada mais nada menos de 30 anos. Para nós assistentes na Cátedra de Jürgen Wolter, o *Goldammer’s Archiv für Strafrecht* acabara tornando-se uma espécie de “ruído de fundo” constante. Desde o início, o trabalho relacionado com a revista ficara quase exclusivamente nas mãos de Jürgen Wolter, que pôde contar com o apoio ativo de Wilfried Küper. Uma vez que o trabalho editorial era feito essencialmente na secretária de casa em Karlsruhe-Durlach, no dia a dia da Cátedra em Mannheim pouco se notava da edição da mais antiga revista alemã de Direito Penal. Com efeito, havia determinados indícios para os *insiders*, como telefonemas ocasionais de Wilfried Küper ou, uma vez por mês, uma certa agitação que se verificava sempre que as provas tipográficas corrigidas do próximo número da revista tivessem de ser entregues à editora – o que era feito, no típico estilo de Wolter, em cima da hora. Mas nada mais do que isso.

Passado o meu tempo de assistente e depois da minha primeira nomeação como Professor, acabei por ser admitido, em 2009, no ilustre círculo dos colaboradores permanentes de GA, mantendo assim – ainda que de forma diferente – a ligação à revista, ora através de contributos próprios ou recensões, ora através da troca científica com Jürgen Wolter, por ocasião da receção de diversas propostas de manuscritos, que de vez em quando ia pedindo o meu aconselhamento quanto à decisão de aceitação. Por vezes, na sequência da publicação de um número da revista,

discutíamos também diferentes artigos, o seu sentido e pertinência para o discurso científico. Com isto aprendi muito sobre o mundo do Direito Penal e os seus protagonistas e respetivos contextos. Quando ficou evidente, no verão do ano 2021, que Jürgen Wolter seria afastado, da parte da editora e contra todos os acordos e planos anteriores, de todas as funções ativas do GA, ficou também claro para mim que já não poderia assumir responsabilidades perante a revista. Assumir a edição, redação ou mesmo uma colaboração permanente num projeto que, ao longo de duas décadas, ficara marcado tão profundamente pelo meu amigo e mentor Jürgen Wolter, sem que essa tradição pudesse ter uma continuidade ao menos durante uma fase transitória com ele, não só me pareceu impensável como francamente impiedoso. Mas, em quê exatamente consiste este “espírito” do *Goldammer’s Archiv für Strafrecht* que esta revista respirava durante vinte anos?

GA com Jürgen Wolter representava o *mais alto grau de qualidade*. Isso aplica-se, num primeiro plano, do ponto de vista formal. Não conheço ninguém que redija manuscritos com tanta acribia e atenção aos detalhes. Até mesmo a mais pequena minúcia, por exemplo haver um termo que, algumas páginas atrás, foi abreviado de forma ligeiramente diferente, salta-lhe imediatamente aos olhos. Sob a sua direção, *GA* tornou-se efetivamente uma revista isenta de quaisquer gralhas e erros de digitação e impressão. Tais critérios de qualidade aplicavam-se tanto mais ao conteúdo dos artigos. Adotara já do seu professor académico Hans-Joachim Rudolphi o lema “A qualidade prevalecerá!”. E era assim Jürgen Wolter procedia na hora da decisão de aceitação dos manuscritos. Decerto, em *GA*, como em qualquer revista científica sem verdadeira revisão do tipo *blind peer-review*, sempre havia manuscritos que, atendendo ao renome do autor, não podiam nunca ser rejeitados de antemão (e, por regra, nem tinham de ser rejeitados, visto terem feito jus ao renome). Não obstante, privilegiava-se sempre a qualidade. Enquanto Paul-Günter Pötz considerava como um objetivo importante de *GA* a promoção de jovens professores prometedores, o grau de formação dos autores desempenhava, na visão de Jürgen Wolter, quando muito um papel secundário. Por regra, sabia logo depois de ler as primeiras duas páginas se determinado manuscrito era (ou não) digno de publicação. O nome ou a posição profissional do autor eram nisto secundários.

Mas *GA* com Jürgen Wolter significava também a *angariação de manuscritos constante e ativa*. Havia muitos anos assistia a eventos, como as Jornadas dos Penalistas Alemães, não tanto por causa das comunicações, mas antes para aproveitar os intervalos das conferências, muito mais importantes do ponto de vista do editor. Regularmente tinha em mente uma lista definida de pessoas que aí pretendia encontrar (e quem não), a fim de acordar com elas um artigo para *GA*. Com efeito, os potenciais autores de *GA* eram seletivamente abordados. Guiava-lhe nisso a convicção profunda de que os melhores manuscritos não eram os que fossem submetidos de forma espontânea, mas antes

os que resultaram das campanhas direcionadas. A sua angariação de manuscritos era sempre acompanhada de um charme inimitável capaz de superar a resistência mais tenaz por parte de autores que, na verdade, não tinham tempo disponível. O mais tardar depois de uma conversa com ele, qualquer pessoa ficava mesmo convencida de que não havia mais ninguém capaz de escrever tal artigo a não ser a própria.

Aliás, GA com Jürgen Wolter foi sempre sinónimo de *cortesia no trato com os outros*. Mesmo quando ocasionalmente lhe fizeram chegar, na sua qualidade de editor, manuscritos de uma qualidade horripilante, jamais deu parte de fraco, à boa maneira asiática. Nunca ficaria ofendido nem se mostraria ofensivo na hora de formular uma rejeição. Tais assuntos eram sempre tratados com cortesia e muito subtilidade. Muitas vezes, o/a autor/a receberia então uma carta ou um e-mail delicado, dizendo que ele, Jürgen Wolter, teria lido com grande interesse o manuscrito submetido (o que normalmente era verdade), mas que lamentavelmente a programação de GA já se encontrava fechada para o próximo ano, ano e meio (o que igualmente era verdade na maior parte das vezes) e que o/a destinatário/a desta mensagem certamente não queria esperar tanto tempo pela publicação (o que, chegado aqui, amiúde passava a merecer o acordo do/a destinatário/a). Nestes casos, omitia-se habilmente a informação adicional de que o editor, mesmo numa revista científica com programação praticamente esgotada, tem evidentemente capacidade para interpor um artigo, contanto que seja de boa qualidade e que a sua publicação seja realmente pretendida. De modo semelhante, Wolter procedia com pedidos de publicação “desagradáveis”, que igualmente fazem parte do dia a dia de qualquer revista de especialidade. Refira-se, apenas a título de exemplo, réplicas enraivecidas a recensões e citações tidas como inadequadas ou críticas acerbas a trabalhos académicos sob a forma de recensões ou ensaios, que frequentemente eram motivados por uma irritação compreensível, mas que em caso de publicação só deitariam achas na fogueira e, por vezes, poderiam destruir ou, no mínimo, prejudicar carreiras científicas. Jürgen Wolter livrava-se de desses textos com toda a razão no seu estilo inimitável, porque a sua experiência de muitos anos permitia-lhe antecipar o poder explosivo que continham.

Para além disso, GA com Jürgen Wolter significa a *promoção de uma ciência penal abrangente, interdisciplinar e, sobretudo, internacional*. Deste modo, sob a sua égide não só se incluía temáticas de direito constitucional e policial. Mais, publicou também projetos de lei (alternativos) cientificamente elaborados, relatórios de importantes encontros científicos e muitas vezes organizava números especiais dedicados aos mesmos, por exemplo às Jornadas dos Penalistas Alemães (*Strafrechtslehretagung*) ou às Jornadas da Associação de Juristas Alemães (*Deutscher Juristentag*). Consideravam-se tanto relatos da praxis como artigos sobre literatura e Direito, algo

que não é óbvio para uma revista de arquivo. Mas era sobretudo o intercâmbio de ideias com o mundo internacional do Direito Penal que lhe importava, designadamente a ciência penal espanhola, portuguesa, italiana e latino-americana. Isto valeu-lhe críticas vindas do espaço germanófono e até mesmo dos seus editores adjuntos, que felizmente não o fizeram demover-se da sua abordagem. Também a composição internacional do círculo de colaboradores permanentes era prova de que Jürgen Wolter, durante o período em que exercia a função de redator e editor, entendia a ciência penal estrangeira orientada pelo sistema penal alemão como parte importante de uma família científica homogênea. Para ele era evidente que não só era possível como era necessário aprender mutuamente através do direito comparado fundamentado, justamente em questões de fundo do Direito Penal e Processual Penal. Não somente professores renomados, mas também numerosos investigadores em início de carreira devem a Jürgen Wolter a sua primeira “grande” publicação em língua alemã. Neste sentido, até aos dias de hoje não se pode deixar de ter a impressão de que a sua popularidade fora da Alemanha até era superior à que tinha na Alemanha.

E isto leva-me ao último ponto que importa referir: GA com Jürgen Wolter sempre era – por mais que isso possa parecer pieguice às pessoas de fora – um pouco como uma *família*. Não se quer, com isso, entender um “pensamento de escola” que por vezes se encontra também na ciência penal alemã e que leva a que se proporcione mutuamente nomeações e vantagens. Ainda que uma percentagem não insignificante dos artigos fosse proveniente do círculo dos colaboradores permanentes, a “família GA” tinha portas abertas para quem quer que fosse que se empenhasse para publicar com um tema fascinante, pensamento autónomo e um manuscrito redigido em condições. A meu ver, a “família GA” era caracterizada por uma base de valores comum, apesar de todas as diferenças e duras discussões relativas a questões de fundo: uma orientação liberal e guiada pelos princípios do Estado de Direito, a preferência por princípios dogmáticos fundamentais a exigências político-jurídicas momentâneas de soluções literalmente “baratas” de *law & order* vindas da e dirigidas à prática, e uma compreensão completa, internacional e interdisciplinar da ciência penal.

Talvez haja uma tendência para, na retrospectiva, engrandecer um ou outro aspeto. Contudo, mesmo que se desconte uma certa nostalgia e atenuação, fica claramente uma percepção: foi para mim uma honra e um prazer ter sido, ao longo de 20 anos, membro da família GA, em cujo centro para muitos de nós permanecerá sempre Jürgen Wolter, mesmo deixando de fazer parte enquanto editor e redator.